



## Dossiê Cinema e Feminismos: (Des)construindo gêneros no cinema e no audiovisual

Jusciele Oliveira<sup>1</sup>  
Karla Bessa<sup>2</sup>  
Luiza Lusvarghi<sup>3</sup>

“As mulheres são capturadas na mesma teia que todos. [...] Entre querer e poder, entre pensar e tentar, entre desejar e ousar, entre arriscar e ganhar, raros são os humanos que afrontam as correntes até à margem solarenta das aspirações satisfeitas. Cada um faz o que pode”. (Fatou Diome, **O ventre do Atlântico**, 2008, p.69).

Há uma longa história dos usos e críticas à categoria gênero no interior do pensamento feminista e nos estudos cinematográficos, sobretudo a partir da última década do século XX. O importante é entender que na concepção feminista de gênero é possível pensar as relações de poder, o aspecto relacional da produção de subjetividades, os mecanismos de produção (imaginária e simbólica) das hierarquias de gênero em diferentes situações e contextos históricos. Nos apropriamos da categoria gênero como ferramenta analítica (portanto flexível) e política (lutas feministas), podendo ser descartada, se assim julgarmos procedente, para o trabalho de inteligibilidade sobre as disputas e conflitos no tocante à dinâmica de produção das identificações de gênero e suas normatividades. Por isso, pensamos no jogo de engendrar e ao mesmo tempo desconstruir gêneros, como linha de força organizadora deste dossiê.

Já os gêneros cinematográficos têm uma existência nas várias artes e em diversos formatos, mas sua definição e categorização é flutuante e variável, já que nem todas as obras podem ser enquadradas numa única tipologia, notadamente, quando especificações

**1.** Doutora em Comunicação, Cultura e Artes (CIAC/UALG). Especialista em cinemas africanos. Atualmente, é investigadora colaboradora do Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC/Ualg- Portugal) e pesquisadora do Laboratório de Análise Fílmica, da Universidade Federal da Bahia (Facom/Ufba). E-mail: jusciele@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-1695-0062>.

**2.** Professora do Programa de Pós-Graduação em Multimeios IA, pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu-Unicamp. E-mail: kbessa@unicamp.br. <https://orcid.org/0000-0002-5867-5372>.

**3.** Professora do Programa de Pós-Graduação em Multimeios da Unicamp, editora da Revista Zanzalá. E-mail: luizacl@unicamp.br. <https://orcid.org/0000-0002-9854-932X>.

genéricas podem incluir na mesma categoria filmes que pertencem a cinematografias, contextos, estilos, estéticas, ideologias e identidades absolutamente diferentes entre si. Neste sentido, foi preciso romper com questões do passado que aprisionam o gênero cinematográfico em categorias, modelos e padrões preestabelecidos, os quais não condizem com tendências contemporâneas fluídas, intertextuais e transartísticas, que convocam múltiplas formas em cada novo produto audiovisual.

Assim, propomos explorar classificações e definições de gêneros (*gender* e *genre*) que acionam propostas que deslocam, hibridizam, interseccionam e transculturam gêneros em função de seus contextos, temáticas, culturas, estéticas, políticas em espaços anticoloniais, descoloniais e decoloniais. Transversalmente a todo este movimento, há os elos de pertencimento e ou exclusão de pessoas, majoritariamente mulheres e negras, que igualmente impactam o fazer estético. Gostaríamos de saber em que medida as linguagens e teorias artísticas audiovisuais se deixam afetar por esse chamado dos gêneros (cinematográficos e humanos).

Partimos do pressuposto de que a ênfase nos *olhares femininos* nos abre janelas para novos *modos de ver, ouvir e sentir* o cinema e o audiovisual. Não que haja uma mulher idealmente essencializada, pelo contrário, estamos na busca da desnaturalização das convenções do ver e suas tecnologias e, em plena segunda década do século XXI, contamos com mais de 50 anos de investidas críticas e teóricas, em cujo legado de reflexões e questões, nos assentamos.

Nesse sentido, a provocação inicial do dossiê entre gêneros era de trazer para o confronto e primeiro plano os modos como os gêneros cinematográficos são afetados e desestabilizados quando flexionamos suas fronteiras e debates, a partir de um ponto de vista, no qual as suas estratégias audiovisuais para produzir uma relação com o real (seja documental, ficcional ou experimental) são inquiridas tendo em consideração os jogos de poder atribuídos a tudo que diz respeito ao gênero humano de quem filma, do tema, do tipo de enredo e estilo, das posições políticas e sociais de criação, circulação e exibição do produto final e seus discursos (filme ou série). Pois entendemos que até os filmes não narrativos produzem efeitos discursivos engendrados. Antes de mais, esclarecemos que o que tencionamos está longe de problematizar a teoria dos gêneros cinematográficos propondo algum tipo de retorno ou paralelo às perspectivas do cinema autoral, trazendo a inclusão da autoria feminina. Nos interessa aqui provocar as necessárias tensões entre as práticas e posições das relações entre a criatura (obra) e criação (subjetividades cujos corpos importam).

Como fizemos uma chamada aberta, montamos o dossiê que “podemos” (no sentido da epígrafe do texto), a partir da sensibilidade das muitas reflexões que nos transportaram para outras margens, esquivando-nos de dicotomias aprisionantes e restritivas. Não se deve impedir o devir. No dossiê, constam treze artigos, organizados em ordem alfabética dos títulos dos artigos, cujas autorias preservam a dimensão da diversidade geopolítica, com autoras e autores de diversas regiões do Brasil (Centro-Oeste, Nordeste, Sudeste, Sul), do México, da Argentina, dos Estados Unidos; diversidade racial, não na quantidade e pluralidade que gostaríamos, mas nos interessava atrair para o dossiê autoras e autores engajadas(os) na reflexão inspirada nas pautas dos múltiplos feminismos. Autoras lésbicas pontuando a necessidade de se pensar a partir dessa

dissidência à heteronormatividade; e, por fim, mas não menos importante, diversidade de gêneros (ficção científica, documentário, animação, western, ensaio, drama, filme de herói e séries) e de lugares de produção (Senegal, Argentina, EUA, Brasil, França, Itália). O dossiê conta também com duas entrevistas, com cineastas brasileiras, Ana Carolina, cuja trajetória a torna uma referência para o cinema brasileiro; e Viviane Ferreira, que acabou de lançar seu primeiro longa-metragem de ficção (disponível na Netflix) e uma das lideranças do cinema negro no Brasil. Temos ainda duas resenhas de livros recentemente lançados: ***Trabalhadoras do Cinema Brasileiro: mulheres muito além da direção (2021)*** e ***Queer African Cinemas (2022)***. Para finalizar, temos uma galeria com seis trabalhos da artista convidada desta edição, Nica Couto, autora da imagem de capa.

Com esse conjunto de artigos, entrevistas, resenhas e arte, propomos mobilizar a sua atenção ao que denominamos aqui de (des)construção dos gêneros a partir de provocativos olhares femininos e/ou feministas. Da magia pedagógica dos estúdios da Disney, que promovem a “disneyzação da cultura infantil”, e a ambivalência da Mulher Maravilha, bem como tudo que ela personifica, aos encontros e desencontros do *cinema de fronteira* de Trinh T. Minh-ha com o *Terceiro Cinema*; vimos surgir novas questões, postuladas tanto sobre os modos de fazer cinema de mulheres atrás das câmeras, quanto a função educativa estética e política das narrativas e suas personagens. Olhares críticos foram lançados também sobre as questões candentes das transformações e permanências de masculinidades hegemônicas.

Nossa perspectiva nunca foi a de permanecer num quadro clássico de gêneros institucionalizados, portanto a leitura do dossiê como um todo permitirá ainda uma compreensão maior sobre linguagens, formatos, temas e suportes analisados pelas(os) autoras(es), assim como os diversos trânsitos, deslocamentos e trocas entre artes, estéticas e tempos históricos. Por fim, temos a oportunidade, infelizmente rara, de explorar diálogos e olhares entre autoras, realizadoras, filmes, políticas e gêneros cinematográficos. Não só as questões de como a cineasta transita entre o documentário e a ficção, mas sobretudo em como faz da autoetnografia um olhar político sobre sua própria subjetividade.

Assim sendo, esperamos que o dossiê seja uma contribuição de múltiplas vias, provocando as teorias do gênero cinematográfico a pensarem as hierarquias de gênero na sociedade e nas políticas de produção e representação cinematográfica e, ao mesmo tempo, incitando as críticas feministas a mergulharem um pouco mais nas águas turvas das teorias e práticas constitutivas do corpo fílmico.